

JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO
DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:
ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"
Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 188-206
DOI: 10.5281/zenodo.22344208



QUALIS
A2



SOCIOLINGUÍSTICA DA LIBRAS: UM ESTUDO DOS FATORES SOCIAIS NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA¹

SOCIOLINGUISTICS OF LIBRAS: A STUDY OF SOCIAL FACTORS IN LINGUISTIC VARIATION

Lisanir Cardoso CHAVES²

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: lisanir.chaves@ufnt.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-1112-6702>

Mariana Ferreira ALBUQUERQUE³

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: mariana@ufnt.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-9574-3494>

188

RESUMO

A Libras constitui um importante instrumento de comunicação, identidade e pertencimento cultural da comunidade surda brasileira, apresentando características linguísticas influenciadas por fatores sociais, históricos e culturais. Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar os fatores sociais relacionados à variação linguística da Libras, considerando suas implicações culturais, sociais e educacionais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, dissertações e documentos legais relacionados à sociolinguística, à Libras e à educação de surdos. A fundamentação teórica apoiou-se em autores como William Labov (2008), Marcos Bagno (2001; 2003) e Ronice Müller de Quadros (2019), além de estudos específicos sobre variação linguística na Libras. Os resultados

¹ COMO CITAR: (ABNT): CHAVES, L. C.; ALBUQUERQUE, M. F. Sociolinguística da Libras: Um Estudo dos Fatores Sociais na Variação Linguística. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 188-206. Disponível: <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

² Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Imperatriz - FACIMP (2012) e em Letras-Libras (segunda Licenciatura) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI (2022). Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial e Educação Inclusiva, UNINTER (2017) e em Libras e Práticas Pedagógicas Aplicadas à Educação Bilíngue de Surdos, UEMASUL (2019). Além de Mestrado em Letras pelo PPGL/UEMASUL (2024). É Professora efetiva da rede municipal de ensino de Imperatriz-MA, atuando como Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos, desde 2022. Doutoranda em Linguística (PPGLIT/UFNT). E-mail: lisanir.chaves@ufnt.edu.br.

³ Universidade Federal do Norte Tocantins UFNT. Graduada em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2016) e em Pedagogia pela Faculdade Integrada de Araguatins (2018). Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Libras pela Faculdade Ibra Grande São Paulo - FAGRA (2023). Além de Mestrado em Letras pelo PPGL/UFNT (2021). Atuou como professora de Libras e Supervisora Pedagógica da SEMED/Araguaína. Doutoranda em Linguística (PPGLIT/UFNT). E-mail: mariana@ufnt.edu.br.

evidenciaram que fatores como regionalismo, faixa etária, escolarização, interação social e pertencimento cultural influenciam diretamente os processos de variação linguística da Libras, demonstrando que a língua de sinais apresenta diversidade lexical, fonológica e discursiva. Observou-se, ainda, que o reconhecimento dessas variações contribui para o fortalecimento da identidade cultural surda e para o desenvolvimento de práticas educacionais mais inclusivas. Conclui-se que a Libras constitui uma língua dinâmica e socialmente construída, cujas variações representam manifestações legítimas das experiências culturais e sociais da comunidade surda.

Palavras-chave: Libras. Sociolinguística. Variação Linguística. Cultura Surda. Educação de Surdos.

ABSTRACT

Libras constitutes an important instrument of communication, identity, and cultural belonging for the Brazilian Deaf community, exhibiting linguistic characteristics influenced by social, historical, and cultural factors. In this context, the present research aimed to analyze the social factors related to linguistic variation in Libras, considering its cultural, social, and educational implications. This is a descriptive, qualitative bibliographic study based on the analysis of books, scientific articles, dissertations, and legal documents concerning sociolinguistics, Libras, and Deaf education. The theoretical framework drew upon authors such as William Labov (2008), Marcos Bagno (2001; 2003), and Ronice Müller de Quadros (2019), as well as specific studies on linguistic variation in Libras. The results demonstrated that factors such as regionalism, age group, level of schooling, social interaction, and cultural belonging directly influence linguistic variation processes in Libras, showing that the sign language exhibits lexical, phonological, and discursive diversity. It was also observed that recognizing these variations contributes to strengthening Deaf cultural identity and developing more inclusive educational practices. The study concludes that Libras is a dynamic and socially constructed language, whose variations represent legitimate manifestations of the Deaf community's cultural and social experiences.

Keywords: Libras. Sociolinguistics. Linguistic Variation. Deaf Culture. Deaf Education.

INTRODUÇÃO

A linguagem configura-se como uma prática social atravessada por aspectos históricos, culturais e identitários que refletem as dinâmicas de interação estabelecidas entre os sujeitos em diferentes contextos sociais. Sob essa perspectiva, as línguas deixam de ser compreendidas como sistemas homogêneos e passam a ser reconhecidas como estruturas vivas, marcadas por transformações, adaptações e múltiplas formas de uso.

É nesse campo de compreensão que a Sociolinguística se consolida enquanto área de investigação voltada para a análise das relações entre língua e sociedade, considerando que os fenômenos linguísticos são diretamente influenciados pelas experiências socioculturais dos indivíduos. Para William Labov, a variação linguística corresponde a um fenômeno inerente às línguas naturais, manifestando-se conforme os contextos sociais, os grupos de pertencimento e as condições de interação dos falantes (Labov, 2008).

No Brasil, a Libras ocupa posição central na constituição identitária, cultural e comunicacional da comunidade surda, sendo reconhecida juridicamente por meio da Lei nº 10.436/2002. Tal reconhecimento representou importante avanço no campo dos direitos linguísticos da população surda, sobretudo ao legitimar a Libras como língua dotada de estrutura gramatical própria e de natureza visual-espacial.

Contudo, embora o reconhecimento legal tenha fortalecido sua presença nos espaços educacionais e institucionais, ainda persistem interpretações reducionistas acerca da complexidade sociolinguística dessa língua, especialmente no que se refere aos processos de variação presentes nas diferentes comunidades surdas brasileiras (Brasil, 2002).

As variações linguísticas observadas na Libras revelam a existência de diferenças lexicais, fonológicas e discursivas relacionadas às particularidades regionais, geracionais, culturais e sociais dos sujeitos surdos. Tais transformações decorrem das próprias dinâmicas de circulação da língua em diferentes espaços de convivência social, evidenciando que a Libras, assim como qualquer outra língua natural, encontra-se em constante movimento.

Pesquisas desenvolvidas por Monteiro (2019), Silva (2014) e Andrade (2013) demonstram que os sinais utilizados por comunidades surdas podem apresentar modificações significativas conforme o contexto social em que são produzidos, reforçando a ideia de que a heterogeneidade linguística constitui elemento legítimo da experiência comunicativa surda (Monteiro, 2019; Silva, 2014; Andrade, 2013).

Apesar disso, determinadas variedades linguísticas ainda são submetidas a processos de estigmatização, sobretudo em ambientes marcados por perspectivas normativas da linguagem. Ao discutir o preconceito linguístico, Marcos Bagno argumenta que a imposição de modelos considerados “corretos” contribui para a desvalorização das múltiplas formas de expressão existentes em uma comunidade linguística. Na realidade da Libras, esse cenário pode produzir impactos significativos, principalmente quando determinadas variações são interpretadas como inadequadas ou inferiores, invisibilizando as experiências culturais e identitárias dos sujeitos surdos (Bagno, 2001).

A discussão sobre os fatores sociais envolvidos na variação linguística da Libras adquire relevância ainda maior no contexto educacional, considerando que a escola representa um espaço de circulação, legitimação e produção de práticas linguísticas. A presença de estudantes surdos provenientes de diferentes contextos socioculturais exige que os processos educativos reconheçam a pluralidade linguística existente no interior da própria comunidade surda. Nessa direção, Ronice Müller de Quadros ressalta que o reconhecimento da Libras como língua legítima pressupõe a valorização de suas especificidades socioculturais e de suas múltiplas formas de manifestação no cotidiano das interações sociais (Quadros, 2019).

A pertinência deste estudo está associada à necessidade de ampliar as discussões científicas acerca da sociolinguística aplicada à Libras, sobretudo diante da limitada visibilidade atribuída às variações linguísticas presentes nas comunidades surdas brasileiras. Embora as pesquisas voltadas para inclusão e educação bilíngue tenham avançado nas últimas décadas, ainda se observa um número reduzido de investigações centradas nos fatores sociais que atravessam os processos de variação linguística da Libras. Desse modo, analisar essa temática contribui não apenas para o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos, mas também para a valorização da cultura surda e para o desenvolvimento de práticas educacionais linguisticamente mais inclusivas (Klein et al., 2025).

A partir dessas considerações, estabelece-se como problema de pesquisa a seguinte indagação: de que maneira os fatores sociais influenciam os processos de variação linguística na Libras?

Em resposta a essa problemática, o estudo tem como objetivo geral analisar os fatores sociais relacionados à variação linguística da Libras, considerando suas implicações culturais, sociais e educacionais. Como objetivos específicos, busca-se discutir os fundamentos teóricos da sociolinguística, identificar os principais fatores sociais que interferem na variação linguística da Libras e compreender a relevância

do reconhecimento dessas variações para a valorização da identidade linguística da comunidade surda.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, sendo desenvolvida por meio da análise de livros, artigos científicos, dissertações e documentos legais relacionados à sociolinguística, à Libras e à educação de surdos. A fundamentação teórica apoia-se em autores que discutem as relações entre linguagem, sociedade e identidade, entre os quais se destacam William Labov, Marcos Bagno e Ronice Müller de Quadros, cujas contribuições permitem compreender a Libras enquanto língua socialmente construída e marcada pela diversidade linguística presente nas experiências da comunidade surda (Labov, 2008; Bagno, 2003; Quadros, 2019).

SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os estudos desenvolvidos no campo da Sociolinguística possibilitaram uma mudança significativa na compreensão da linguagem, sobretudo ao questionarem perspectivas que concebiam a língua como um sistema homogêneo e estático. A partir das contribuições da sociolinguística, a língua passou a ser analisada em sua dimensão social, considerando as influências históricas, culturais e interacionais presentes nas práticas comunicativas dos sujeitos. Nessa direção, William Labov afirma que toda língua natural apresenta variações decorrentes dos contextos sociais em que é utilizada, não existindo formas linguísticas puras ou invariáveis (Labov, 2008).

Sob essa perspectiva, a variação linguística deixa de ser compreendida como desvio ou inadequação, passando a representar um fenômeno inerente ao funcionamento das línguas. Conforme argumenta Pretti (2005), as diferenças linguísticas manifestam-se em razão de fatores sociais, regionais, culturais e históricos que atravessam os grupos sociais, refletindo as experiências e os modos de interação construídos coletivamente. Tal compreensão contribui para romper com visões normativas da linguagem que historicamente estabeleceram hierarquias entre variedades linguísticas consideradas legítimas e formas estigmatizadas de comunicação (Pretti, 2005).

Ao discutir as relações entre língua e poder, Marcos Bagno destaca que determinadas variedades linguísticas recebem maior prestígio social devido às relações históricas de dominação cultural e educacional existentes em uma sociedade. Em contrapartida, formas linguísticas associadas a grupos socialmente

marginalizados tendem a ser alvo de preconceito e exclusão. Para Bagno (2001), o preconceito linguístico constitui uma prática social sustentada pela ideia equivocada de superioridade de determinadas variedades linguísticas em relação a outras, produzindo impactos significativos sobre os sujeitos e suas identidades culturais.

A compreensão da língua enquanto prática social também encontra respaldo nos estudos de Saussure (2006), ao reconhecer a linguagem como um fenômeno coletivo construído no interior das relações sociais. Embora suas contribuições estejam associadas ao estruturalismo linguístico, suas reflexões abriram caminhos para posteriores discussões acerca da dinamicidade da língua e de suas transformações históricas. Em consonância com essa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2017) ressalta que a heterogeneidade linguística constitui elemento fundamental da vida social, uma vez que diferentes grupos utilizam a língua de maneiras específicas conforme suas experiências culturais, níveis de escolarização e formas de interação social.

A análise sociolinguística considera, portanto, que os usos linguísticos são influenciados por múltiplos fatores sociais, entre os quais se destacam faixa etária, gênero, escolarização, pertencimento regional e inserção cultural. Conforme Coelho et al. (2015), as variedades linguísticas constituem manifestações legítimas da diversidade existente em uma comunidade de fala, evidenciando que as diferenças na linguagem decorrem das práticas sociais compartilhadas pelos sujeitos em seus espaços de convivência. Nesse sentido, a língua assume papel central na construção das identidades sociais e culturais, funcionando como instrumento de pertencimento e representação coletiva.

As discussões sociolinguísticas também alcançam os estudos voltados para as línguas de sinais, especialmente no que se refere às transformações linguísticas observadas nas comunidades surdas. A compreensão da Libras como língua natural implica reconhecer que ela também apresenta processos de variação influenciados por aspectos sociais e culturais. Dessa forma, os estudos sociolinguísticos aplicados à Libras possibilitam compreender que as diferenças observadas entre sinais, expressões e construções discursivas não representam falhas comunicativas, mas manifestações legítimas da pluralidade linguística presente na comunidade surda (Silva, 2014).

A partir dessa compreensão, torna-se possível ampliar o debate acerca da diversidade linguística presente nas comunidades surdas brasileiras, reconhecendo a Libras como língua dinâmica, heterogênea e historicamente construída. Tal entendimento contribui para o fortalecimento de perspectivas educacionais e sociais

comprometidas com a valorização das identidades surdas e com o reconhecimento das múltiplas formas de expressão linguística presentes nos diferentes contextos de interação social.

A Libras como Língua e Identidade Cultural Surda

O reconhecimento da Libras como língua natural da comunidade surda brasileira representa uma conquista histórica vinculada às lutas sociais pelo direito à comunicação, à educação e ao reconhecimento cultural das pessoas surdas. Durante muitos anos, as línguas de sinais foram compreendidas de maneira limitada, frequentemente associadas a sistemas gestuais inferiores às línguas orais.

Essa percepção contribuiu para processos de marginalização linguística e exclusão educacional da população surda, sobretudo em contextos escolares fundamentados na centralidade da oralidade. A partir das transformações ocorridas nas pesquisas linguísticas e educacionais, consolidou-se o entendimento de que a Libras possui estrutura gramatical própria, organização sintática específica e capacidade plena de expressão simbólica e cultural (Quadros, 2019).

O reconhecimento jurídico da Libras por meio da Lei nº 10.436/2002 constituiu marco relevante na ampliação dos direitos linguísticos da comunidade surda brasileira. Posteriormente, o Decreto nº 5.626/2005 fortaleceu a inserção da Libras nos espaços educacionais, estabelecendo diretrizes para a formação de professores, intérpretes e profissionais envolvidos no atendimento educacional de estudantes surdos. Tais avanços legais contribuíram para ampliar a visibilidade social da Libras e para reafirmar a legitimidade das experiências culturais da comunidade surda no cenário educacional brasileiro (Brasil, 2002).

A compreensão da Libras ultrapassa a dimensão estritamente comunicacional, alcançando aspectos relacionados à constituição identitária e cultural dos sujeitos surdos. Nessa perspectiva, a surdez deixa de ser interpretada exclusivamente sob uma ótica clínica ou deficitária, passando a ser reconhecida como experiência sociocultural marcada pela construção de identidades específicas. Para Karin Stobel, a cultura surda corresponde ao conjunto de práticas, valores, formas de interação e experiências compartilhadas pela comunidade surda, tendo a língua de sinais como um de seus principais elementos de pertencimento cultural.

A relação entre língua e identidade ocupa posição central nos estudos sobre cultura surda, sobretudo porque a Libras funciona como instrumento de expressão subjetiva e de fortalecimento dos vínculos sociais entre sujeitos surdos. Conforme argumenta Carlos Skliar, as identidades surdas são construídas historicamente a

partir das experiências linguísticas e culturais vivenciadas pelos indivíduos em seus espaços de socialização. Dessa forma, a valorização da Libras representa não apenas o reconhecimento de uma língua, mas também o respeito às formas de existência, produção cultural e participação social da comunidade surda.

No campo educacional, as discussões sobre identidade surda encontram forte relação com as propostas de educação bilíngue para surdos. O bilinguismo fundamenta-se na compreensão de que a Libras deve ocupar a posição de primeira língua da pessoa surda, enquanto a língua portuguesa, prioritariamente na modalidade escrita, é aprendida como segunda língua. Segundo Quadros (2019), a educação bilíngue favorece o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social dos estudantes surdos ao respeitar suas especificidades comunicacionais e culturais.

As reflexões sobre bilinguismo também evidenciam a necessidade de construção de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade linguística presente nas comunidades surdas. A imposição exclusiva da oralidade durante longos períodos históricos produziu impactos significativos nos processos de escolarização das pessoas surdas, dificultando o acesso ao conhecimento e comprometendo o desenvolvimento da identidade linguística desses sujeitos. Em contraposição a essas práticas, os estudos contemporâneos defendem que o fortalecimento da Libras no ambiente escolar contribui para ampliar as possibilidades de aprendizagem, interação social e participação educacional da população surda (Klein et al., 2025).

Além das questões educacionais, a Libras também ocupa papel relevante na preservação das experiências culturais compartilhadas pela comunidade surda. A circulação de narrativas, produções artísticas, práticas discursivas e formas de interação em língua de sinais fortalece os vínculos identitários e reafirma a existência de uma cultura visual própria. Nessa direção, Strobel destaca que a cultura surda é produzida cotidianamente por meio das relações sociais estabelecidas entre sujeitos surdos, sendo atravessada por elementos históricos, políticos e linguísticos que constituem suas formas de pertencimento coletivo.

A valorização da Libras enquanto língua legítima e expressão cultural da comunidade surda representa, portanto, elemento fundamental para a construção de uma sociedade linguisticamente mais inclusiva. Reconhecer a pluralidade das experiências surdas implica compreender que a língua de sinais não constitui apenas um instrumento de comunicação, mas também um espaço de produção identitária, resistência cultural e afirmação social. Dessa maneira, os estudos sobre Libras, cultura surda e bilinguismo contribuem para ampliar o debate acerca dos direitos

linguísticos da população surda e para fortalecer práticas educacionais comprometidas com a diversidade e a inclusão social.

Fatores Sociais na Variação Linguística da Libras

Os processos de variação linguística observados na Libras evidenciam que essa língua, assim como as línguas orais, encontra-se submetida às influências históricas, sociais e culturais presentes nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Sob a perspectiva da Sociolinguística, as diferenças linguísticas identificadas nas práticas comunicativas da comunidade surda não representam desvios estruturais, mas manifestações legítimas da heterogeneidade que caracteriza as línguas naturais. Conforme destaca Labov (2008), a variação constitui um fenômeno inerente à linguagem, sendo influenciada pelas experiências sociais dos grupos que utilizam determinada língua.

No caso da Libras, as transformações linguísticas decorrem de múltiplos fatores relacionados às dinâmicas de convivência social das comunidades surdas brasileiras. Entre os aspectos mais recorrentes nos estudos sociolinguísticos destacam-se as diferenças regionais, geracionais, educacionais e culturais que atravessam os modos de sinalização utilizados pelos sujeitos surdos em diferentes contextos sociais. Tais elementos demonstram que a Libras apresenta grande diversidade lexical, fonológica e discursiva, refletindo as especificidades socioculturais das comunidades em que circula (Silva, 2014).

O regionalismo configura-se como um dos fatores mais evidentes na variação linguística da Libras. Assim como ocorre nas línguas orais, determinados sinais podem apresentar diferenças significativas conforme a região geográfica em que são utilizados. Estudos realizados por Andrade (2013) demonstram que comunidades surdas localizadas em diferentes estados brasileiros utilizam sinais distintos para representar um mesmo referente lexical, evidenciando a existência de variedades regionais na Libras. Essas diferenças não comprometem a comunicação entre os sujeitos, mas revelam marcas culturais e identitárias construídas historicamente pelas comunidades surdas em seus espaços de interação social (Andrade, 2013).

As diferenças geracionais também exercem influência significativa nos processos de variação linguística da Libras. Mudanças sociais, tecnológicas e educacionais interferem diretamente nas formas de comunicação utilizadas pelas diferentes gerações de sujeitos surdos. Em determinados contextos, usuários mais jovens incorporam novos sinais e estratégias discursivas influenciadas pelos meios digitais, pelas redes sociais e pelas transformações culturais contemporâneas. Em

contrapartida, sujeitos surdos pertencentes a gerações anteriores tendem a preservar formas linguísticas vinculadas às experiências históricas de suas comunidades. Essa dinamicidade demonstra que a Libras acompanha as transformações sociais ocorridas no interior da própria comunidade surda (Costa; Ferreira; Chahini, 2023).

Outro aspecto relevante refere-se à influência da escolarização nos usos linguísticos da Libras. Os diferentes modelos educacionais destinados à população surda ao longo da história produziram impactos significativos sobre os processos de aquisição e circulação da língua de sinais. Durante muitos anos, práticas educacionais pautadas na oralização limitaram o contato dos estudantes surdos com a Libras, comprometendo o desenvolvimento linguístico e a valorização das identidades surdas. Com o fortalecimento das propostas bilíngues, ampliaram-se os espaços de utilização da Libras no ambiente escolar, favorecendo a disseminação de novos sinais e formas de interação comunicativa (Klein et al., 2025).

A interação social estabelecida entre sujeitos surdos também influencia diretamente os processos de variação linguística da Libras. As experiências compartilhadas em associações, escolas, eventos culturais e espaços comunitários contribuem para a circulação de diferentes formas de sinalização, permitindo a construção coletiva de práticas linguísticas específicas. Nesse contexto, a comunidade surda assume papel central na manutenção, transformação e difusão da Libras, funcionando como espaço de fortalecimento identitário e produção cultural. Para Silva (2024), a sociolinguística aplicada à Libras permite compreender que as práticas comunicativas dos sujeitos surdos são construídas a partir das relações sociais estabelecidas no interior das comunidades de pertencimento.

Os fatores culturais também exercem influência expressiva na constituição das variações linguísticas da Libras. A cultura surda possui características próprias relacionadas às experiências visuais, às formas de interação social e às práticas discursivas desenvolvidas historicamente pela comunidade surda. Dessa maneira, os sinais utilizados em determinadas comunidades podem incorporar referências culturais específicas, evidenciando a relação entre linguagem, identidade e pertencimento social. Monteiro (2019), ao analisar a variação em sinais preposicionais da Libras, demonstra que as transformações linguísticas presentes na língua de sinais refletem processos históricos e culturais relacionados às experiências comunicativas da comunidade surda brasileira (Monteiro, 2019).

As discussões sobre variação linguística na Libras também contribuem para o enfrentamento do preconceito linguístico direcionado às comunidades surdas. A valorização de determinadas formas de sinalização em detrimento de outras pode

produzir mecanismos de exclusão semelhantes aos observados nas línguas orais. Nesse sentido, reconhecer a legitimidade das variedades linguísticas da Libras significa compreender que as diferenças existentes entre os sujeitos surdos decorrem de processos históricos, sociais e culturais legítimos, não podendo ser reduzidas a perspectivas normativas da linguagem. Conforme Bagno (2003), toda tentativa de hierarquização linguística está associada a relações de poder que produzem desigualdades sociais e culturais.

Diante dessas considerações, observa-se que os fatores sociais exercem papel fundamental na constituição da diversidade linguística presente na Libras. As variações relacionadas ao regionalismo, à faixa etária, à escolarização, à interação social e às experiências culturais evidenciam que a língua de sinais é atravessada pelas transformações históricas e pelas dinâmicas sociais da comunidade surda. Assim, compreender os processos de variação linguística da Libras torna-se indispensável para o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos e para a construção de práticas educacionais comprometidas com o respeito à diversidade linguística e cultural da população surda.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, desenvolvido com o propósito de analisar os fatores sociais relacionados à variação linguística da Libras no contexto das discussões sociolinguísticas. A escolha pela abordagem qualitativa fundamenta-se na necessidade de compreender os aspectos sociais, culturais e linguísticos que atravessam os processos de construção da linguagem no interior da comunidade surda, considerando a complexidade das relações estabelecidas entre língua, identidade e interação social. Conforme Bauer, Gaskell e Allum (2002), a pesquisa qualitativa possibilita interpretar fenômenos sociais a partir de suas dimensões simbólicas e culturais, favorecendo análises aprofundadas sobre práticas e experiências humanas.

No que se refere aos objetivos, o estudo apresenta caráter descritivo, uma vez que busca identificar, discutir e interpretar os fatores sociais que influenciam os processos de variação linguística da Libras. Segundo Gil (2008), pesquisas descritivas têm como finalidade analisar características de determinados fenômenos sociais, permitindo ampliar a compreensão sobre suas particularidades e formas de manifestação. Nesse sentido, a investigação procura compreender como elementos como regionalismo, escolarização, faixa etária, interação social e contexto cultural

interferem nas práticas linguísticas desenvolvidas pelas comunidades surdas brasileiras.

Quanto aos procedimentos técnicos, adotou-se a pesquisa bibliográfica como principal estratégia metodológica. Esse tipo de pesquisa possibilita o levantamento e a análise crítica de produções científicas já publicadas acerca da temática investigada, permitindo construir uma discussão teórica fundamentada em diferentes perspectivas analíticas. Para Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica corresponde a um procedimento indispensável à produção científica, pois permite ao pesquisador estabelecer contato direto com estudos, teorias e produções já desenvolvidas sobre determinado objeto de investigação.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir da consulta em livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos legais relacionados à sociolinguística, à Libras, à cultura surda e à educação de surdos. Foram utilizados estudos de autores nacionais e internacionais que discutem as relações entre linguagem e sociedade, bem como pesquisas específicas sobre a variação linguística da Libras. Entre os principais referenciais teóricos utilizados destacam-se Labov (2008), Bagno (2001; 2003), Quadros (2019), Strobel, Skliar, Silva (2014), Monteiro (2019), Andrade (2013) e Costa, Ferreira e Chahini (2023), cujas produções oferecem contribuições relevantes para a compreensão da diversidade linguística presente na comunidade surda.

A seleção das produções científicas ocorreu mediante critérios de pertinência temática, relevância acadêmica e contribuição teórica para os objetivos da pesquisa. Foram priorizados estudos publicados em periódicos científicos, livros acadêmicos e repositórios institucionais que abordassem discussões relacionadas à sociolinguística, à Libras e aos fatores sociais envolvidos nos processos de variação linguística. Também foram incluídos documentos legais brasileiros relacionados ao reconhecimento e à regulamentação da Libras, considerando sua importância para a compreensão histórica e educacional da temática investigada.

A análise dos dados fundamentou-se na interpretação crítica do material bibliográfico selecionado, buscando identificar aproximações teóricas, divergências conceituais e contribuições científicas relacionadas aos fatores sociais que influenciam a variação linguística da Libras. A partir desse procedimento, procurou-se compreender como os estudos sociolinguísticos contribuem para ampliar o reconhecimento da diversidade linguística presente na comunidade surda, bem como para fortalecer debates acerca da inclusão, identidade cultural e valorização das experiências linguísticas dos sujeitos surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados evidenciam que a variação linguística presente na Libras constitui um fenômeno social, histórico e cultural diretamente relacionado às formas de interação estabelecidas pela comunidade surda em diferentes contextos de convivência. As produções examinadas convergem ao demonstrar que a Libras não pode ser compreendida como uma língua homogênea ou rigidamente padronizada, uma vez que suas estruturas linguísticas sofrem influências constantes das transformações sociais e das experiências culturais compartilhadas pelos sujeitos surdos.

Nessa direção, William Labov afirma que toda língua natural apresenta heterogeneidade interna, sendo a variação um componente inerente aos sistemas linguísticos (Labov, 2008). Tal compreensão também é reforçada por Bortoni-Ricardo (2017), ao defender que os usos linguísticos refletem as práticas sociais construídas pelos diferentes grupos de fala.

No contexto da Libras, os estudos de Silva (2014) e Andrade (2013) demonstram que as variações linguísticas manifestam-se especialmente nos níveis lexical e fonológico, apresentando diferenças relacionadas ao pertencimento regional das comunidades surdas. Andrade (2013), ao investigar comunidades surdas da Paraíba, identificou diferenças fonológicas significativas entre sinais utilizados em distintas localidades, evidenciando que os processos de regionalização também atravessam as línguas de sinais.

Em perspectiva semelhante, Silva (2014) ressalta que as transformações linguísticas observadas na Libras decorrem das experiências socioculturais vivenciadas pelos sujeitos surdos em seus espaços de interação social. Essas análises dialogam diretamente com as reflexões de Pretti (2005), para quem as variedades linguísticas representam manifestações legítimas da diversidade social existente nas comunidades linguísticas.

Os resultados encontrados também revelam que o regionalismo exerce forte influência na constituição das variedades linguísticas da Libras. Monteiro (2019), ao analisar os sinais correspondentes às preposições “sobre” e “contra”, observou diferenças lexicais e fonológicas relacionadas aos contextos sociais de utilização da língua.

A autora destaca que os sinais sofrem adaptações conforme os espaços de circulação da Libras, demonstrando que as transformações linguísticas estão associadas às dinâmicas culturais e comunicativas das comunidades surdas

brasileiras. Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Câmara Júnior (1955), ao afirmar que língua e cultura constituem dimensões inseparáveis das práticas sociais humanas, sendo impossível analisar os fenômenos linguísticos desvinculados das experiências culturais dos sujeitos.

Outro aspecto recorrente nos estudos analisados refere-se à influência das relações sociais e identitárias nos processos de variação linguística da Libras. Costa, Ferreira e Chahini (2023) argumentam que a sociolinguística interacional aplicada à Libras permite compreender como os sujeitos surdos constroem sentidos e pertencimentos a partir das interações estabelecidas em diferentes contextos comunicativos.

As autoras defendem que as práticas linguísticas desenvolvidas pela comunidade surda refletem experiências coletivas, processos identitários e relações culturais que ultrapassam a dimensão meramente estrutural da linguagem. Tal posicionamento dialoga com Hall (2005), ao compreender a identidade cultural como uma construção histórica e social constantemente atravessada pelas relações de pertencimento e pelas transformações contemporâneas.

A análise das produções científicas também evidencia que os processos de escolarização influenciam diretamente as formas de uso e circulação da Libras. Klein et al. (2025) ressaltam que a educação bilíngue tem contribuído para ampliar a valorização das variações linguísticas presentes na comunidade surda, favorecendo práticas pedagógicas mais inclusivas e linguisticamente democráticas.

Segundo os autores supramencionados, o reconhecimento das diferentes variedades da Libras no espaço escolar fortalece os processos de aprendizagem e contribui para a valorização das identidades surdas. Em contrapartida, modelos educacionais fundamentados exclusivamente na oralidade produziram, historicamente, mecanismos de silenciamento linguístico que limitaram o desenvolvimento da língua de sinais em ambientes institucionais.

Nesse cenário, as reflexões de Ronice Müller de Quadros assumem relevância ao defender que o reconhecimento da Libras como primeira língua da pessoa surda exige o fortalecimento de práticas educacionais comprometidas com a diversidade linguística e cultural da comunidade surda (Quadros, 2019).

Em diálogo com essa perspectiva, Carlos Skliar compreende que a educação de surdos deve ultrapassar concepções clínicas da surdez, reconhecendo os sujeitos surdos enquanto pertencentes a uma comunidade linguística e cultural específica. Tais posicionamentos reforçam a necessidade de compreender a Libras não apenas

como instrumento comunicacional, mas como expressão identitária e espaço de produção cultural.

Os estudos analisados também demonstram que a variação linguística da Libras se encontra atravessada por relações de poder e por mecanismos de valorização de determinadas formas de sinalização em detrimento de outras. Ao discutir o preconceito linguístico, Marcos Bagno argumenta que a imposição de padrões linguísticos considerados legítimos contribui para a marginalização de grupos socialmente minoritários (Bagno, 2001).

No caso da comunidade surda, essa lógica pode manifestar-se quando determinadas variedades da Libras são compreendidas como “mais corretas” ou “mais adequadas” em relação a outras formas de sinalização utilizadas em contextos regionais ou comunitários específicos. Tal perspectiva desconsidera a natureza dinâmica da língua e invisibiliza as experiências socioculturais dos sujeitos surdos.

As discussões apresentadas por Bagno (2003) acerca das relações entre língua e poder também permitem compreender que a valorização de determinadas variedades linguísticas está diretamente associada às estruturas sociais de dominação cultural. Em diálogo com essas reflexões, Bhabha (2005) destaca que os processos culturais são marcados por negociações identitárias e por formas híbridas de produção social, o que contribui para compreender a Libras como língua em constante transformação histórica e cultural. Dessa maneira, as variações linguísticas presentes na comunidade surda não podem ser reduzidas a desvios normativos, mas devem ser interpretadas como expressões legítimas das experiências sociais construídas pelos sujeitos em seus contextos de pertencimento.

Outro ponto identificado nas pesquisas refere-se ao papel da comunidade surda na manutenção e difusão das variedades linguísticas da Libras. Silva (2024) argumenta que os espaços de convivência social frequentados por sujeitos surdos, como associações, instituições educacionais e eventos culturais, funcionam como ambientes de fortalecimento das práticas linguísticas e identitárias da comunidade surda. Nesses espaços, ocorre intensa circulação de sinais, expressões e construções discursivas que contribuem para o fortalecimento das identidades coletivas e para a continuidade histórica da Libras enquanto patrimônio linguístico e cultural.

A análise dos estudos permite compreender, portanto, que a variação linguística da Libras constitui um fenômeno profundamente relacionado às transformações sociais, culturais e históricas vivenciadas pela comunidade surda brasileira. Regionalismo, faixa etária, escolarização, interação social e pertencimento cultural configuram-se como fatores centrais na constituição das variedades

linguísticas observadas na Libras. Assim, reconhecer a legitimidade dessas variações representa não apenas um avanço no campo da sociolinguística, mas também um movimento de valorização da diversidade cultural e linguística da comunidade surda, contribuindo para o fortalecimento de práticas educacionais mais inclusivas e socialmente comprometidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou compreender que os processos de variação linguística da Libras encontram-se diretamente relacionados às experiências sociais, culturais e históricas vivenciadas pela comunidade surda brasileira. A partir das discussões desenvolvidas no campo da Sociolinguística, verificou-se que a Libras, assim como qualquer outra língua natural, apresenta heterogeneidade linguística decorrente das dinâmicas sociais estabelecidas entre os sujeitos em diferentes contextos de interação. Dessa forma, a língua de sinais não pode ser compreendida como um sistema homogêneo e imutável, mas como uma estrutura viva, marcada pelas transformações culturais e pelos processos identitários da comunidade surda.

Os estudos analisados evidenciaram que fatores como regionalismo, faixa etária, escolarização, interação social e pertencimento cultural exercem influência significativa na constituição das variedades linguísticas da Libras. As diferenças lexicais, fonológicas e discursivas identificadas nas pesquisas demonstram que as variações observadas na língua de sinais representam manifestações legítimas da diversidade linguística presente nas comunidades surdas brasileiras. Nesse sentido, compreender a Libras sob uma perspectiva sociolinguística implica reconhecer que suas transformações decorrem das práticas sociais e das experiências históricas compartilhadas pelos sujeitos surdos em seus espaços de convivência.

As discussões também permitiram refletir acerca das relações entre linguagem, identidade e cultura no contexto da comunidade surda. A Libras mostrou-se não apenas um instrumento de comunicação, mas um importante elemento de constituição identitária, pertencimento cultural e fortalecimento das experiências coletivas dos sujeitos surdos. Assim, o reconhecimento das diferentes variedades linguísticas da Libras representa um movimento de valorização da cultura surda e de enfrentamento das práticas de preconceito linguístico historicamente direcionadas às línguas de sinais.

No campo educacional, observou-se que o reconhecimento da diversidade linguística da Libras contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às especificidades culturais da comunidade surda. A valorização

das diferentes formas de sinalização no ambiente escolar favorece o fortalecimento da identidade linguística dos estudantes surdos e amplia as possibilidades de aprendizagem e participação social. Em contrapartida, práticas educacionais fundamentadas na padronização rígida da linguagem tendem a invisibilizar as experiências socioculturais dos sujeitos surdos e a limitar a compreensão da Libras enquanto língua dinâmica e plural.

Diante dessas considerações, conclui-se que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, uma vez que foi possível analisar os fatores sociais relacionados à variação linguística da Libras e compreender suas implicações culturais, sociais e educacionais. O estudo também permitiu evidenciar a importância da sociolinguística para a ampliação das discussões sobre diversidade linguística, identidade surda e inclusão educacional. Espera-se que esta pesquisa contribua para o fortalecimento dos estudos sobre Libras e para o desenvolvimento de novas investigações voltadas às múltiplas formas de expressão linguística presentes na comunidade surda brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Wagner Teobaldo Lopes de. **Variação fonológica da LIBRAS**: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. João Pessoa, 2013. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2013. Disponível em: Repositório UFPB. Acesso em: 11 maio 2026.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: Planalto Decreto 5626. Acesso em: 11 maio 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: Planalto Lei 10436. Acesso em: 11 maio 2026.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Língua e cultura. **Revista Letras**, Curitiba, p. 51-59, 1955. Disponível em: Revista Letras UFPR. Acesso em: 11 maio 2026.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Josiane Coelho da; FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão; CHAHINI, Thelma Helena Costa. A variação linguística na Libras à luz da sociolinguística interacional. **Revista Contemporânea**, [S.l.], v. 16, n. 10, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.10-231. Disponível em: DOI do artigo. Acesso em: 11 maio 2026.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KLEIN, C. B. M. et al. Bilinguismo e variação linguística na educação de surdos. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 22, n. 14, p. e22407, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n14-194. Disponível em: Caderno Pedagógico. Acesso em: 11 maio 2026.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MONTEIRO, Myrna Salerno. Variação linguística em preposição na Libras: o caso dos sinais “sobre” e “contra” nos níveis léxico e fonológico. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 179-194, jan./jun. 2019. Disponível em: Revista Espaço INES. Acesso em: 11 maio 2026.

PRETTI, Dino. A variação linguística: contribuições da sociolinguística para o ensino da língua. **Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, n. 29/30, p. 185-192, 2005. Disponível em: Confluência Revista. Acesso em: 11 maio 2026.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Lenivaldo Venâncio da. **Libras e sociolinguística: ouvindo o silêncio do outro** [recurso eletrônico]. Maceió: Instituto Federal de Alagoas, 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, 2024. Disponível em: Repositório IFAL. Acesso em: 11 maio 2026.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. Variação sociolinguística: estudo de caso na língua brasileira de sinais. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 15, n. 31, 2014. Disponível em: Revista Línguas e Letras. Acesso em: 11 maio 2026.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.